

Sepulturas escavadas na rocha no concelho de Sátão

JORGE ADOLFO M. MARQUES

Instituto Politécnico de Viseu
Escola Superior de Educação

HUGO BAPTISTA

Câmara Municipal de Sátão

Resumo

As sepulturas escavadas na rocha constituem um dos mais significativos vestígios arqueológicos do período altomedieval na Península Ibérica. Na região de Viseu, identificaram-se, ao longo dos anos, aproximadamente duas centenas de locais com cerca de seiscentos túmulos rupestres.

A atualização da carta arqueológica do concelho de Sátão permitiu reconhecer várias estações inéditas com este tipo de arca feral, atribuíveis a um período que precedeu a territorialização paroquial resultante da reforma gregoriana do século XI.

Palavras-chave: Sepultura escavada na rocha, Concelho de Sátão, Carta arqueológica.

Abstract

Rock-cut tombs account for one of the most emblematic archaeological findings of the High Middle Ages in the Iberian Peninsula. Approximately two thousand sites with around six hundred tombs could be found throughout the years alone in the Viseu region.

The updating of the archaeological records of Sátão municipality allowed to recognize several unique stations with the same graves, assignable to the period which precedes the parochial territorialisation from the 11th century Gregorian Reform.

Keywords: Rock-cut tombs, Sátão municipality, Archaeological records.



Introdução

As sepulturas escavadas na rocha constituem um dos mais significativos vestígios arqueológicos do período altomedieval na Península Ibérica, como numerosos estudos publicados nas últimas décadas têm demonstrado à sociedade¹.

Na região de Viseu – território delimitado geograficamente a ocidente pela serra do Caramulo, vale de Lafões e maciço da Gralheira, a norte pelas serras da Nave e Leomil, a ocidente pela ribeira da Muxagata e a sul pelo rio Mondego – foram inventariadas cerca de duas centenas de estações com sepulturas escavadas na rocha, perfazendo, aproximadamente, seiscentos túmulos (Marques, 1995, 2014; Tente *et al.*, 1998; Vieira, 2004).

Situadas quase sempre em pequenos afloramentos rochosos algo destacados na paisagem envolvente de aldeias, as estações na região de Viseu são constituídas, predominantemente, por túmulos isolados ou por necrópoles com apenas duas, três ou quatro campas (Marques, 1995, p. 190-191). Estas, formando aquilo que poderemos definir como “cemitério familiar”, encontram-se associadas, por regra, a vestígios arqueológicos cerâmicos e líticos de habitats dispersos, que supomos corresponderem ao “espaço dos vivos” daqueles que acabariam por ser inumados nos túmulos rupestres ali vizinhos. Já as campas associadas a estruturas militares do período da Reconquista, como são os casos regionais de São Pedro de Castelo de Penalva (Penalva do Castelo), de Santa Bárbara de Castelo (Moimenta da Beira), da Senhora do Castelo de Vouzela ou da Senhora do Barrocal (Sátão), seriam, muito provavelmente, de populações que habitaram ou se refugiaram temporariamente nesses redutos fortificados (Marques, 2001, p. 113-129).

1 É o caso dos trabalhos de: Assuncion Bielsa, 1975, 1977; Barroca, 1984, 1987, 2010-11, 2012; Barroca & Morais 1984; Bolós i Masclans & Pagés i Paretas, 1982; Castillo, 1970, 1972; Kliemann, 1986, 1987; Lima & Vieira, 2018; Lourenço, 2007; Loyola Perea & Andria Gonzalo, 1979; Marques, 1995, 2014; Martin Viso, 2007, 2012; Ollich i Castanyer, 1982; Tente, 2007¹, 2007², 2015; Tente & Lourenço, 1998; Tente & Carvalho, 2015; Vieira, 2004.

Na linha das propostas cronológicas de Mário Jorge Barroca para o Norte de Portugal (Barroca, 1984, 1987, 2010-11, 2012), consideramos que também na região de Viseu as primeiras sepulturas surgiram nos séculos VI/VII. Tipologicamente correspondem a arcazes de planta oval, retangular e trapézoidal. A partir do século IX, a caixa feral passou a ter o seu interior com contornos antropomórficos bem definidos na zona da cabeça e ombros, sendo muito mais raro o antropomorfismo no espaço destinado aos membros inferiores. A configuração da zona destinada ao encaixe da cabeça podia apresentar várias soluções, sendo a planta retangular, quadrada, em arco de volta perfeita, em arco peraltado ou em arco ultrapassado, as mais frequentes. Em alguns casos, as sepulturas apresentam o leito desta zona com um ligeiro alçamento que servia de apoio ao occipital (Marques, 1995, p. 193-201).

Os vários exemplares de campas inacabadas conhecidas na região de Viseu permitem que se reconstitua, de forma relativamente fiel, todo o processo de elaboração, desde a fase inicial em que se definia o contorno da mesma com um ligeiro picotado na superfície rochosa disponível, até à sua conclusão, em que se aprimoravam os contornos da cabeceira, no caso de antropomorfia, e dos bordos.

Na generalidade dos túmulos, é possível observar-se pequenos sulcos cicatriz que revelam ter sido utilizado um percutor em metal, certamente em ferro, no processo de escavação. O pico e a ponteira, para além de serem usados no desbaste interior das campas na sua fase de afundamento, como é bem evidente nas sepulturas inacabadas do Monte Carneiro (Ferreira d' Aves, Sátão) e de Santa Velha (Avelal, Sátão), eram também utilizados na fase final, quando se pretendia eliminar pequenos sulcos e desnivelamentos deixados nas paredes interiores ou no leito da campa (Marques, 1995, p. 203-205).

O trabalho de escavação da sepultura podia demorar cerca de dois ou três dias, período de tempo que coincidia com o velório do defunto (Barroca, 1987, p. 125).

Após a morte, o corpo era lavado num banho ritual que poderia ocorrer na própria casa do defunto ou num pio também rupestre localizado no cemitério, como os identificados em Revenga (Castillo, 1972, p. 10), Cello-rigo (Loyola Perea, 1976, p. 5) e Santa Maria de la Piscina (Loyola Perea, 1979, p. 124). Vários pios rupestres identificados no espaço ocupado por

necrópoles da região de Viseu terão tido uma função ritual semelhante, quedando-se, no entanto, por uma dimensão meramente simbólica (Marques, 1995, p. 215-217).

Ao ser enterrado, o corpo ia envolto num simples sudário e não se fazia acompanhar de qualquer objeto de uso quotidiano ou de carácter meramente ritual (Barroca, 1987, p. 126-127). Depois de o corpo estar colocado no interior da sepultura, com o dorso deitado sobre o fundo, tapava-se a cavidade tumular com uma tampa monolítica ou, em alternativa, com várias lajes de pequena dimensão, sobrepostas. Finalmente, podia-se cobrir as lajes com terra ou deixá-la aparente. O facto de algumas sepulturas estarem abertas em penedos de pequenas dimensões, semelhantes a sarcófagos, revela que, pelo menos nestes casos, não eram cobertas por terra.

Os bordos proeminentes que muitas campas ostentam poderão ser outro argumento a favor da posição aparente dos túmulos rupestres, já que comprovam que havia intenção de impedir que a água das chuvas escorresse para o seu interior. Ao mesmo tempo, o bordo proeminente definia com exatidão o limite da caixa feral na superfície rochosa onde se achava.

O aspeto final das pequenas necrópoles era marcado pelo total anonimato, num quadro de despersonalização do ritual funerário.

A crença cristã de que Deus apareceria a oriente, no Dia do Julgamento Final (Young, 1975, p. 135; Kliemann, 1987, p. 500), tem sido apontada como razão principal para que se escavasse o túmulo com a zona dos pés voltada para este. Porém, como esse oriente era calculado tendo como referência o aparecimento do Sol na linha do horizonte, a disposição das campas ia, conseqüentemente, oscilando de acordo com o ano solar. A hora do dia em que se definia a orientação da sepultura também constituiu, certamente, uma das causas para diferentes orientações tumulares. Outras causas podem ser apontadas tais como a disponibilidade de superfície rochosa para abrir a campa ou a relação com caminhos e muros. Em todo o caso, três quartos das orientações registadas na região de Viseu encontram-se com a zona da cabeça entre os 230° e os 360°, enquanto as orientações opostas, entre 60° e 170°, constituem uma minoria (Marques, 1995, p. 209-214).

2 As sepulturas escavadas na rocha no concelho de Sátão

No âmbito do projeto de atualização da carta arqueológica do concelho de Sátão publicada na década de 90 do século passado, por João L. Inês Vaz (1991), foram identificadas vinte e uma estações arqueológicas com sepulturas escavadas na rocha, cinco das quais inéditas, perfazendo um total de sessenta e três túmulos (Gravura nº1). Este número seria significativamente maior, não fora a destruição parcial ou total das estações de Caramouços (nº 3), São Bento (nº 14), Quinta da Ribeira (nº 18) e Quinta da Taboadela (nº 21).

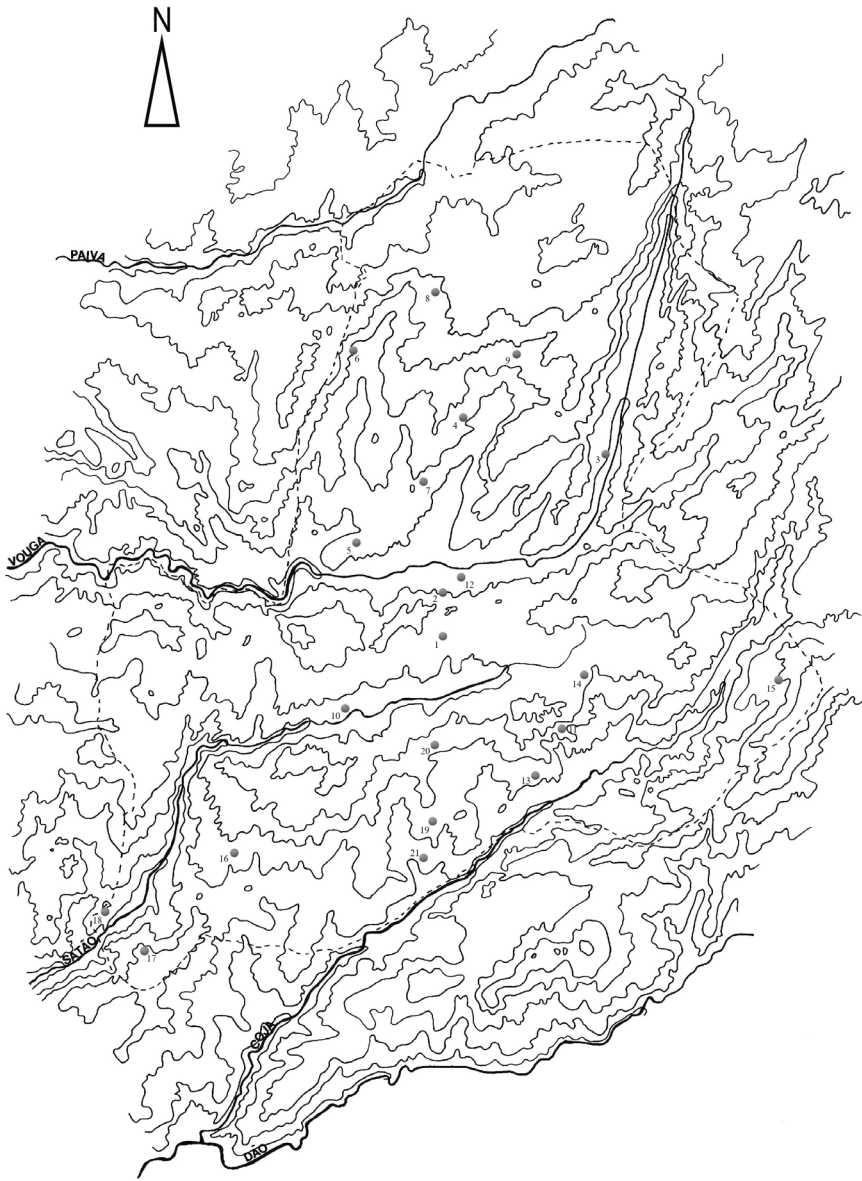
Os dados metrológicos recolhidos em cinquenta e seis das sessenta e três sepulturas foram os seguintes: orientação da zona da cabeça, em graus (O.); comprimento (C.); largura na zona da cabeça (L.c.); largura na zona dos ombros (L.o.); largura a meio (L.m.); largura na zona dos pés (L.p.); profundidade média (P.) (Gravura nº 2).

A localização geográfica das estações arqueológicas foi efetuada com coordenadas UTM a partir da Carta Militar de Portugal, dos Serviços Cartográficos do Exército, na escala 1: 25000.

As estações encontram-se ordenadas alfabeticamente por freguesia, seguido da povoação mais próxima e finalmente do microtopónimo.



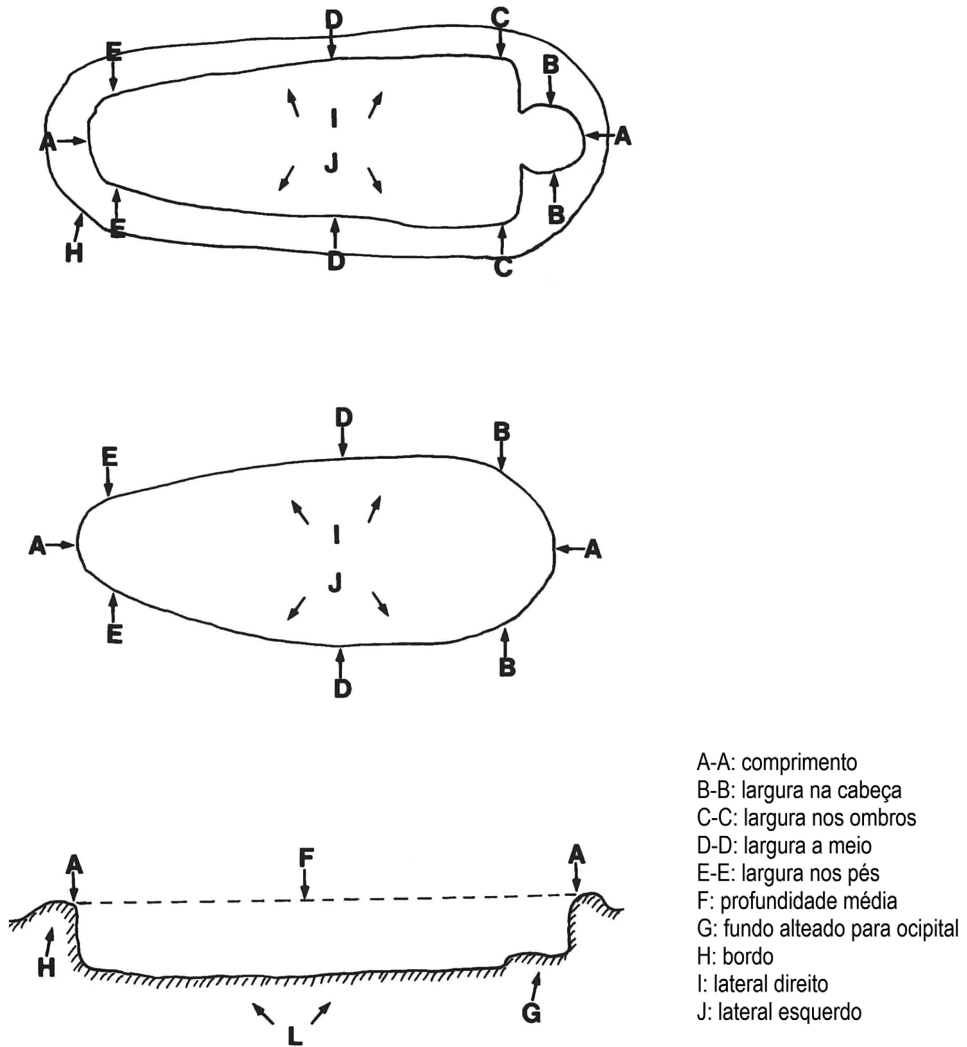
Sepultura da Capela da Senhora do Barrocal.



Equidistância entre as curvas de nível 50 metros

----- limite do concelho de Sãtão

Gravura n° 1



2.1

Inventário

1.

Eirô/Chãozinho, Avelal, Avelal.

C.M.P. nº 168 (1987); UTM: 29TPF1187512950; Altitude: 620 m.

A necrópole encontra-se localizada na periferia nordeste da aldeia de Avelal. É constituída pelos núcleos de Eirô e Chãozinho, cada um com duas sepulturas ovaladas. Não foi possível recolher dados metrológicos na sepultura nº 1.3 por se encontrar parcialmente soterrada. Trata-se, contudo, de um túmulo de adulto. A numeração foi feita de norte para sul.

Nos terrenos envolventes, encontram-se muitos fragmentos de tégulas, ímbri-ces e cerâmicas de uso doméstico.

Sepultura nº 1.1	Sepultura nº 1.2	Sepultura nº 1.3	Sepultura nº 1.4
O. 160°	O. 230°	O. 330°	O. 180°
C. 174	C. 180	C. 187	C. 192
L.c. 32	L.c. 38		L.c. 40
L.m. 50	L.m. 50		L.m. 51
L.p. 28	L.p. 32		L.p. 27
P. 26	P. ?		P. ?

Referência bibliográfica: Pedro, 1990, p. 24; Vaz, 1991, p. 54; Marques, 1995, p. 123.

2.

Santa Velha, Avelal, Avelal.

C.M.P. n° 168 (1987); UTM: 29TPF1170013125; Altitude: 630 m.

A necrópole é constituída por seis sepulturas não antropomórficas e antropomórficas, distribuídas por três núcleos situados a cerca de 500 metros a norte da aldeia do Avelal. O núcleo I é constituído apenas pela sepultura n° 2.1, ovalada. A sensivelmente 50 metros para sudoeste, encontra-se o núcleo II, constituído pelas sepulturas n° 2.2, antropomórfica com cabeceira em arco de volta perfeita e com um bordo proeminente (15 cm), a n° 2.3, antropomórfica com cabeceira em arco de volta perfeita, também com um bordo proeminente (15 cm) e a n° 2.4, inacabada. Esta foi escavada até 10 centímetros de profundidade.

A cerca de 300 metros do núcleo II, para sudoeste, encontra-se o núcleo III, constituído pelas sepulturas n° 2.5, antropomórfica, com cabeceira em arco de volta perfeita e a n° 2.6, antropomórfica, com cabeceira em arco de volta perfeita, com um bordo proeminente (15 cm). Dado que a n° 2.5 se encontra parcialmente soterrada, não foi possível a recolha de dados metrológicos. Não se identificaram outros vestígios arqueológicos nos terrenos vizinhos.

Sepultura n° 2.1	Sepultura n° 2.2	Sepultura n° 2.3	Sepultura n° 2.4	Sepultura n° 2.5	Sepultura n° 2.6
O. 160°	O. 10°	O. 360°	O. 190°	O. 10°	O. 360°
C. 177	C. 186	C. 174	C. 153	C. ?	C. 180
L.c. 25	L.c. 36	L.c. 36	L.c. 32		L.c. 40
L.m. 48	L.m. 47	L.o. 47	L.o. ?		L.o. 46
L.p. 22	L.p. 24	L.m. 46	L.m. 48		L.m. 46
P. 27	P. 30	L.p. 26	L.p. 20		L.p. 23
		P. 24	P. ?		P. ?



Sepultura nº 2.3 e 2.4 de Santa Velha

3.

Caramouços, Carrasqueira do Fundo, Ferreira d'Aves.

C.M.P. nº 168 (1987); UTM: 29TPF1550017250; Altitude: 600 m.

A necrópole localiza-se na margem direita do rio Vouga, numa área bastante aberta e aplanada. Das oito sepulturas que, de acordo com informação oral, ali terão existido, restam apenas três, de planta ovalada. Havia pelo menos uma antropomórfica, entre as destruídas. Não foi possível recolher dados metrológicos na sepultura nº 3.3 por se encontrar soterrada. Trata-se, contudo, de um túmulo de adulto.

As sepulturas foram numeradas de ocidente para oriente.

Nos terrenos envolventes, encontram-se muitos fragmentos de telhas, ímbrices e cerâmicas de uso doméstico.

Sepultura nº 3.1	Sepultura nº 3.2	Sepultura nº 3.3
O. 340°	O. 330°	O. 330°
C. 192	C. 188	
L.c. 44	L.c. 37	
L.m. 55	L.m. 58	
L.p. 38	L.p. 28	
P. ?	P. ?	

4.

Cerdeira (Quinta do Vilela), Castelo, Ferreira d'Aves.

C.M.P. nº 168 (1987); UTM: 29TPF1199917975; Altitude: 688 m.

A sepultura, de planta ovalada, encontra-se localizada a meia encosta do vale aplanado da ribeira do Convento, um pequeno afluente do rio Vouga.

Sepultura nº 4.1

O. 20°

C. 163

L.c. 60

L.m. 55

L.p. 46

P. ?

Referência bibliográfica: Pedro, 1990, p. 24; Vaz, 1991, p. 56; Vaz, 1997, p. 100; Vieira, 2004, p. 124 e p. 164-165.



Sepultura de Cerdeira.

5.

Cotovio (Monte Carneiro), Lamas, Ferreira d'Aves.

C.M.P. nº 168 (1987); UTM: 29TPF0962515250; Altitude: 625 m.

A necrópole, constituída por três sepulturas, encontra-se localizada numa pequena plataforma situada a meia encosta da vertente norte do Monte Carneiro. Esta elevação constitui uma pequena península situada entre o modesto ribeiro Corgo, que corre a norte, e o rio Vouga, a sul. As campas nº 5.1 e nº 5.3 são ovaladas e ambas possuem um bordo largo (15/25cm). A nº 5.2 encontra-se inacabada. A escavação foi interrompida quando se dava início ao processo de escavação do interior, depois de se ter definido o seu limite com um ligeiro picotado no rochedo escolhido.

As sepulturas encontram-se numeradas de ocidente para oriente.

Sepultura nº 5.1	Sepultura nº 5.2	Sepultura nº 5.3
O. 210°	O. 330°	O. 220°
C. 190	C. 188	C. 190
L.c. 59		L.c. 50
L.m. 52		L.m. 56
L.p. 43		L.p. 40
P. 40		P. 43

Referência bibliográfica: Pedro, 1990, p. 24; Vaz, 1991, p. 56-57; Marques, 1995, p. 125-127.



Sepultura nº 5.1 de Cotovio. Sepultura nº 5.2 (inacabada) de Cotovio.

6.

Mata do Pinheiro, Casfreires, Ferreira d'Aves.

C.M.P. n° 168 (1987); UTM: 29TPF0950019750; Altitude: 730 m.

A sepultura, de planta trapezoidal, encontra-se localizada numa pequena plataforma a meia encosta do vale da Ribeira, um afluente do ribeiro do Corgo. Na parte exterior da cavidade sepulcral, junto da zona da cabeceira, o afloramento foi ligeiramente aplanado para servir de superfície de base a algum objeto, talvez a uma estela.

Não se identificaram outros vestígios arqueológicos nos terrenos vizinhos.

Sepultura n° 6.1

O. 220°

C. 172

L.c. 47

L.m. 44

L.p. 28

P. 18

Referência bibliográfica: Vieira, 2004, p. 123, p. 197.



Sepultura de Mata do Pinheiro.

7.

Quinta da Eira, Veiga, Ferreira d'Aves.

C.M.P. nº 168 (1987); UTM: 29TPF1137516500; Altitude: 620 m.

A necrópole, constituída por oito túmulos ovalados (Vieira, 2004), encontra-se situada na periferia da aldeia de Veiga. Dada a intensa vegetação que cobre a área, apenas foi possível identificar seis sepulturas e recolher os dados metro-lógicos em cinco delas. A numeração foi feita de norte para sul.

Nos terrenos envolventes, encontram-se muitos fragmentos de tégulas, ímbri-ces e cerâmicas de uso doméstico.

Sepultura nº 7.1	Sepultura nº 7.2	Sepultura nº 7.3	Sepultura nº 7.4	Sepultura nº 7.5	Sepultura nº 7.6
O. 30°	O. 140°	O. 270°	O. 330°	O. 250°	?
C. 170	C. 177		C. 187	C. 190	
L.c. 46	L.c. 50		L.c. 40	L.c. 46	
L.m. 48	L.m. 57		L.m. 53	L.m. 53	
L.p. 35	L.p. 46		L.p. 39	L.p. 35	
P. ?	P. 44		P. 37	P. 36	

Referência bibliográfica: Vieira, 2004, p. 130-131 e p. 165-167.

8.**Quinta das Paredes**, Corujeira, Ferreira d'Aves.

C.M.P. n° 168 (1987); UTM: 29TPF1172521525; Altitude: 814 m.

Segundo Marina Vieira (2004), trata-se de uma necrópole com cinco sepulturas, encontrando-se três delas inacabadas (n° 8.3 a n° 8.5). As restantes são ovaladas. Dada a densa vegetação que cobre toda a área, apenas foi possível localizar uma das sepulturas ovaladas.

Nos terrenos envolventes, encontram-se muitos fragmentos de tégulas, ímbrices e cerâmicas de uso doméstico. Recolheu-se um fragmento de peso de tear cerâmico.

Sepultura n °8.1

O. 280°

C. 190

L.c. 38

L.m. 56

L.p. 28

P. ?

Referência bibliográfica: Vaz, 1991, p. 54; Vaz, 1997, p. 98; Marques, 1995, p. 105-106; Vieira, 2004, p. 123 e p. 163-164

9.**Vinha (Vinha do Plastro ou Vinha da Costa),**

Outeiro de Baixo, Ferreira d'Aves.

C.M.P. nº 168 (1987); UTM: 29TPF1337519800; Altitude: 750 m.

A sepultura encontra-se parcialmente destruída na zona da cabeceira, pelo que não foi possível determinar a sua configuração e comprimento.

Nos terrenos envolventes, encontram-se muitos fragmentos de tégulas, ímbrices e cerâmicas de uso doméstico. João L. Inês Vaz (1997, p. 96-97) refere a descoberta de pesos de tear e elementos arquitetónicos.

Sepultura nº 9.1

O. 280°

Referência bibliográfica: Pedro, 1990, p. 24; Vaz, 1991, p. 56-57; Vaz, 1997, p. 96-97; Vieira, 2004, p. 127-128 e p. 165.



Sepultura de Vinha.

10.**Curral/Alagoa**, Lages de Cima, Mioma.

C.M.P. nº 179 (1986); UTM: 29TPF0962511375; Altitude: 590 m.

A necrópole é constituída por seis sepulturas de adulto, uma delas ovalada (nº 10.1) e as restantes antropomórficas, todas com cabeceira em arco de volta perfeita. A sepultura nº 10.4 tem um bordo proeminente (15cm). A sepultura nº 10.6 encontra-se parcialmente destruída.

Os túmulos foram numerados de norte para sul.

Nos terrenos envolventes, encontram-se muitos fragmentos de tégulas, ímbri-ces e cerâmicas de uso doméstico.

Sepultura nº 10.1	Sepultura nº 10.2	Sepultura nº 10.3	Sepultura nº 10.4	Sepultura nº 10.5	Sepultura nº 10.6
O. 10°	O. 40°	O. 280°	O. 190°	O. 340°	O. 50°
C. ?	C. 150	C. 173	C. 170	C. 172	C. ?
	L.c. 26	L.c. 26	L.c. 37	L.c. 40	
	L.o. 31	L.o. 46	L.o. 44	L.o. 47	
	L.m. 33	L.m. 40	L.m. 42	L.m. 50	
	L.p. 20	L.p. 20	L.p. 30	L.p. 22	
	P. 22	P. 30	P. 20	P. ?	

Referência bibliográfica: Pedro, 1990, p. 24; Vaz, 1991, p. 54; Marques, 1995, p. 108-109.



Sepultura nº 10.2 de Curral/Alagoa. Sepultura nº 10.4 de Curral/Alagoa.

11.

Capela da Sr^a do Barrocal, Romãs, Romãs - Decermilo - Vila Longa.

C.M.P. n^o 179 (1986); UTM: 29TPF1467510850; Altitude: 595 m.

A sepultura antropomórfica, com cabeceira em arco ultrapassado, encontra-se alinhada paralelamente com a parede norte da capela. Apresenta um pequeno alteamento no leito, na área da cabeceira (“almofada”). O bordo foi ligeiramente rebaixado para encaixe de uma tampa.

A campa integraria, certamente, o cemitério de um templo altomedieval ali existente de que já se identificou um elemento arquitetónico com epígrafe. A poucos metros de distância, encontra-se o povoado e fortificação do Barrocal (Tente *et al.*, 2018, p. 263-295).

Sepultura n^o 11.1

O. 260^o

C. 197

L.c. 22

L.o. 54

L.m. 42

L.p. 29

P. 31

Referência bibliográfica: Fernandes, 2016, p. 360; Tente *et al.*, 2018, p. 263-295.

12.

Ourigos (Cerca), Decermilo, Romãs - Decermilo - Vila Longa.

C.M.P. nº 168 (1987); UTM: 29TPF1250013875; Altitude: 600 m.

As sete sepulturas que constituem a necrópole encontram-se distribuídas por dois núcleos. O núcleo I é constituído pelas sepulturas nº 12.1, de que resta apenas a zona da cabeceira em arco ultrapassado, nº 12.2, antropomórfica com cabeceira em arco ultrapassado, nº 12.3, retangular e parcialmente destruída e pela nº 12.4, antropomórfica com cabeceira em arco peraltado. O núcleo II é constituído pelas sepulturas nº 12.5, retangular mas com indícios de antropomorfização no lado direito, pela nº 12.6, antropomórfica com cabeceira em arco de volta perfeita, e pela nº 12.7, retangular.

A numeração foi feita de norte para sul.

Nos terrenos envolventes, há muitos fragmentos de tégula, ímbrices e cerâmica de uso doméstico. Foram recolhidos dois pesos de tear cerâmicos (Marques, 1995, p. 123-124).

Sepultura nº 12.1	Sepultura nº 12.2	Sepultura nº 12.3	Sepultura nº 12.4	Sepultura nº 12.5	Sepultura nº 12.6	Sepultura nº 12.7
O. 250°	O. 270°	O. 270°	O.250	O. 210°	O. 150°	O. 150°
	C. 175			C. 176	C. 186	C. 128
	L.c. 23			L.c. 30	L.c. 29	L.c. 39
	L.o. 40			L.m. 52	L.o. ?	L.m. 25
	L.m. 42			L.p. 36	L.m. 61	L.p. 30
	L.p. 20			P. 24	L.p. 53	P. 19
	P. 21				P. 33	

Referência bibliográfica: Vasconcelos, 1920, p. 223; Pedro, 1990, p. 24, 1994, p. 160; Vaz, 1991, p. 54; Vaz, 1997, p. 96; Marques, 1995, p. 123-124.



Núcleo II da necrópole de Ourigos.

13.

Pereira, Silvã de Baixo, Romãs - Decermilo - Vila Longa.

C.M.P. nº 179 (1986); UTM: 29TPF1370009575; Altitude: 500 m.

A necrópole encontra-se situada numa área aplanada do vale da ribeira de Côja, um afluente do rio Dão. É constituída por cinco sepulturas: a nº 13.1 encontra-se parcialmente destruída na zona da cabeça; a nº 13.2 é ovalada; a nº 13.3 encontra-se inacabada; a nº 13.4, apesar de parcialmente destruída na zona da cabeça, teria configuração antropomórfica como a nº 13.5 (arco de volta perfeita e um ligeiro alteamento do leito) pois, tal como esta, apresenta também antropomorfismo na zona dos pés.

Foram numeradas de norte para sul.

Nos terrenos envolventes, encontram-se muitos fragmentos de tégulas, ímbri-ces e cerâmicas de uso doméstico. Foram também recolhidos dois fragmentos de mós circulares.

Sepultura nº 13.1	Sepultura nº 13.2	Sepultura nº 13.3	Sepultura nº 13.4	Sepultura nº 13.5
O. 330°	O. 330°	O. 340°	O. 320°	O. 340°
C. ?	C. 181	C. 172	C. 177	C. 167
L.c. ?	L.c. 32		L.c. ?	L.c. 23
L.o. ?	L.m. 48		L.o. 56	L.o. 34
L.m. 40	L.p. 25		L.m. ?	L.m. 36
L.p. 20	P. 23		L.p. 26	L.p. 30
P. 28			P. 25	P. 25

Referência bibliográfica: Vaz, 1991, p. 57; Vaz, 1997, p. 102-103.



Sepultura nº13.4 de Pereira.
Antropomorfismo na zona dos pés na sepultura nº13.5 de Pereira.

14.**S. Bento (Quinta da Adeguedinha),**

Soito de Gulfar, Romãs - Decermilo - Vila Longa.

C.M.P. nº 168 (1987); UTM: 29TPF1475012575; Altitude: 625 m.

De acordo com informação oral, ter-se-á destruído neste local uma necrópole de sepulturas escavadas na rocha, quando se procedeu à abertura da estrada municipal Romãs-Souto de Gulfar.

15.

Seixo, Vila Longa, Romãs - Decermilo - Vila Longa.

C.M.P. nº 179 (1986); UTM: 29TPF1955011875; Altitude: 630 m.

A sepultura, ovalada, encontra-se localizada a sul da aldeia de Vila Longa, junto a um caminho vicinal. Não se identificaram outros vestígios arqueológicos nos terrenos vizinhos.

Sepultura nº 15.1

O. 220°

C. 178

L.c. 37

L.m. 54

L.p. 25

P. 28

16.**Pai Moiro**, Abrunhosa, S. Miguel de Vila Boa

C.M.P. nº 179 (1986); UTM: 29TPF0707507825; Altitude: 535 m.

A necrópole é constituída por duas sepulturas antropomórficas, ambas com cabeceira em arco de volta perfeita. Encontram-se numeradas de norte para sul. Nos terrenos envolventes, encontram-se muitos fragmentos de tégulas, ímbri-ces e cerâmicas de uso doméstico.

Sepultura nº 16.1	Sepultura nº 16.2
O. 320°	O. 340°
C. ?	C. ?

Referência bibliográfica: Pedro, 1990, p. 24; Vaz, 1991, p. 54; Vaz, 1997, p. 106; Marques, 1995, p. 129.

17.**Parreirinha**, Travancela, S. Miguel de Vila Boa.

C.M.P. nº 178 (1987); UTM: 29TPF0492505100; Altitude: 515 m.

Sepultura antropomórfica com cabeceira trapezoidal. Não se identificaram outros vestígios arqueológicos nos terrenos vizinhos.

Sepultura nº 17.1
O. 350°
C. 186
L.c. 33
L.o. 47
L.m. 49
L.p. 35
P. 34

Referência bibliográfica: VAZ, 1991, p. 57; Vaz, 1997, p. 107.

18.

Quinta da Ribeira, Eira Longa, S. Miguel de Vila Boa.

C.M.P. nº 168 (1987); UTM: 29TPF1187512950; Altitude: 620 m.

A necrópole terá sido totalmente destruída, de acordo com informação oral. Nos terrenos envolventes, encontram-se muitos fragmentos de tégulas, ímbri-ces e cerâmicas de uso doméstico.

19.

Barrocas, Silvã de Cima, Silvã de Cima.

C.M.P. nº 179 (1986); UTM: 29TPF1107508800; Altitude: 495 m.

A necrópole é constituída por uma sepultura antropomórfica, com cabeceira em arco de volta perfeita e bordo proeminente (15cm) e duas não antropomórficas, respetivamente retangular (nº 19.2) e ovalada (nº 19.3). Nos terrenos envolventes, encontram-se muitos fragmentos de tégulas, ímbri-ces e cerâmicas de uso doméstico.

Sepultura nº 19.1	Sepultura nº 19.2	Sepultura nº 19.3
O. 310°	O. 270°	O. 240°
C. 180	C. 174	C. 176
L.c. 21	L.c. 31	L.c. 61
L.o. 47	L.m. 36	L.m. 40
L.m. 50	L.p. 30	L.p. 31
L.p. 46	P. 35	P. 37
P. 39		

Referência bibliográfica: Pedro, 1990, p. 24; Vaz, 1991, p. 54; Marques, 1995, p. 128-129.

20.**Lameira**, Silvã de Cima, Silvã de Cima.

C.M.P. n° 168 (1987); UTM: 29TPF1162510250; Altitude: 620 m.

A necrópole é constituída por três sepulturas, uma delas inacabada (n° 20.1). As sepulturas n° 20.2 e n° 20.3 encontram-se parcialmente destruídas. Mesmo assim, é possível verificar que não apresentam indícios de configuração antropomórfica. Como o penedo onde foram abertas se encontra deslocado da sua posição original, não foi possível determinar as suas orientações.

Encontram-se numeradas de norte para sul.

Nos terrenos envolventes, encontram-se muitos fragmentos de tégulas, ímbri-ces e cerâmicas de uso doméstico. Foram recolhidas mós circulares.

Sepultura n° 20.1	Sepultura n° 20.2	Sepultura n° 20.3
O. 70°	O.?	O.?
C. 195		



Sepulturas n° 20.2 e n° 20.3 de Lameira.

21.**Quinta de Taboadela**, Silvã de Cima, Silvã de Cima.

C.M.P. nº 179 (1986); UTM: 29TPF1137507825; Altitude: 460 m.

A necrópole terá sido constituída por seis ou sete sepulturas, distribuídas por dois núcleos, segundo informação oral. Neste momento, apenas subsistem duas sepulturas antropomórficas. Ambas têm cabeceira em arco ultrapassado. Encontram-se numeradas de norte para sul.

Nos terrenos envolventes, encontram-se muitos fragmentos de tégulas, ímbrices e cerâmicas de uso doméstico. Foi recolhida uma inscrição funerária romana (Vaz, 1991, p. 34-35; Vaz, 1997, p. 110 e p. 244-245).

Sepultura nº 21.1	Sepultura nº 21.2
O. 10°	O. 10°
C. 180	C. 178
L.c. 37	L.c. 38
L.o. 40	L.o. 42
L.m. 48	L.m. 42
L.p. 22	L.p. 26
P. 30	P. 30

Referência bibliográfica: Vaz, 1991, p. 34-3; Vaz, 1997, p. 110 e p. 244-245.

2.2 **Notas finais**

As sepulturas escavadas na rocha identificadas no concelho de Sátão encontram-se exclusivamente em afloramentos graníticos situados, por regra, na periferia de aldeias e, quase sempre, sobranceiros a caminhos antigos. O seu número por estação, em regra muito reduzido, não ultrapassa as oito unidades; em seis delas (27,27%), apenas se identificou uma sepultura.

No que diz respeito às características das estações, tendo em conta a tipologia das sepulturas presentes, verifica-se que catorze são compostas por uma só tipologia (65,21%), seja ela não antropomórfica ou antropomórfica, e cinco são constituídas por campas não antropomórficas e antropomórficas (21,73%). Em três estações (nº 9, nº 14, nº 18), não foi possível aferir a tipologia das sepulturas por destruição parcial ou total das mesmas, como já se referiu anteriormente. Na classificação tipológica, também não foram contabilizadas as sete sepulturas inacabadas (nº 2.4; nº 5.2; nº 8.3; nº 8.4; nº 8.5; nº 13.3; nº 20.1), uma vez que em nenhum dos casos é perceptível a tipologia que a arca feral ia apresentar no final. Apesar de não ter sido possível confirmar que contorno tinha a cabeceira da sepultura nº 13.4 de Pereira, é muito provável que fosse igual à sepultura nº 13.5 dado que ambas apresentam uma pequena protuberância que individualizava o espaço destinado à colocação de cada um dos pés do defunto. Esta característica, muito pouco comum nas sepulturas da região de Viseu, encontra-se presente num par de sepulturas na não muito distante necrópole de Avelal (Lusinde, Penalva do Castelo) (Marques, 1997, p. 37-38).

No que diz respeito à tipologia de todas as sepulturas identificadas verifica-se que trinta e uma (48,43%) não apresentam qualquer antropomorfismo e vinte e quatro (37,5%) apresentam antropomorfismo axial perfeito (Quadro nº 1). A sepultura nº 12.4, da necrópole de Ourigos, onde são visíveis sinais incipientes de antropomorfismo, pode corresponder a uma fase intermédia de evolução entre as duas tipologias principais. Em nove sepulturas (14,51%) não

QUADRO nº 1

Sepulturas não antropomórficas	Sepulturas antropomórficas	Outras
1.1, 1.2, 1.3, 1.4		
2.1	2.2, 2.3, 2.5, 2.6	2.4 ¹
3.1, 3.2, 3.3		
4.1		
5.1, 5.3		5.2 ¹
6.1		
7.1, 7.2, 7.3, 7.4, 7.5, 7.6, 7.7, 7.8		
8.1, 8.2		8.3 ¹ , 8.4 ¹ , 8.5 ¹
		9.1 ²
10.1	10.2, 10.3, 10.4, 10.5, 10.6	
	11.1	
12.3, 12.7	12.1, 12.2, 12.4 ³ , 12.5, 12.6	
13.2	13.4 ⁴ , 13.5 ⁴	13.1 ² , 13.3 ¹
		14 ⁵
15.1		
	16.1, 16.2	
	17.1	
		18 ⁵
19.2, 19.3	19.1	
20.2, 20.3		20.1 ¹
	21.1, 21.2	
Total: 31 (48,43%)	Total: 24 (37,5%)	Total: 9 (14,02%)

¹inacabado;²parcialmente destruído;³índice de antropomorfização;⁴antropomorfismo também na zona dos pés;⁵informação oral pouco precisa pelo que não contabilizado.

foi possível atribuir qualquer tipologia dado que se encontram inacabadas ou parcialmente destruídas.

Entre as campas não antropomórficas, predominam as de planta ovalada, com vinte e sete exemplares, seguidas das de planta retangular, com três exemplares, e das de planta trapezoidal, com apenas um exemplar. Entre as antropomórficas, predominam as que possuem arco de volta perfeita na cabeceira, com catorze exemplares, seguidas das que ostentam arco ultrapassado, com cinco exemplares. Apenas uma sepultura apresenta arco trapezoidal e uma arco peraltado.

No universo de cinquenta e quatro campas rupestres em que foi possível determinar a sua orientação, quinze delas encontram-se com a cabeceira orientada entre os 10° e os 170° (27,77%) e trinta e oito encontram-se com a cabeceira orientada entre os 180° e os 360° (72,22%). Por tipologias verifica-se que sete das vinte e cinco campas não antropomórficas (28%) estão orientadas entre 10° e 170°, enquanto dezoito (72%) encontram-se orientadas entre os 180° e os 360°. Nas sepulturas antropomórficas, sete em vinte e três (30,43%) estão orientadas entre os 10° e os 170° e dezasseis (69,56%) entre os 180° e os 360°. Tanta diversidade de orientações (Quadro nº 2), muitas delas bem distintas da canónica oeste-este que se encontra perfeitamente estabelecida nos cemitérios paroquiais, explicar-se-á, nuns casos, pela ausência de disponibilidade de rocha no local de implantação tumular, noutros casos, pela proximidade de vias, ou ainda, pelo posicionamento do Sol na linha do horizonte em diferentes horas do dia ou épocas do ano em que se fez a sepultura. O alinhamento tendo como referencial os muros de um templo só se encontra num único caso: a sepultura antropomórfica da capela da Senhora do Barrocal (nº 11). É também este o único caso em que se regista a associação entre campas rupestres e um edifício de culto. Este facto comprova que a prática inumatória em sepulturas escavadas na rocha ocorreu neste território num período imediatamente anterior à territorialização paroquial que se estabelecerá com a reforma gregoriana do século XI (Mattoso, 1985, p. 37-56; Rodrigues, 2000, p. 137-201; Rodrigues, 2006, p. 71-83) (Gravura nº 3).

QUADRO nº 2

Orientação (Graus)	Número das sepulturas						
10°	2.2 ¹	2.5 ¹	10.1 ²	21.1 ¹	21.2 ¹		
20°	4.1 ²						
30°	7.1 ²						
40°	10.2 ¹						
50°	10.6 ¹						
60°							
70°	20.1 ³ (i)						
80°							
90°							
100°							
110°							
120°							
130°							
140°	7.2 ²						
150°	12.6 ¹	12.7 ²					
160°	1.1 ²	2.1 ²					
170°							
180°	1.4 ²						
190°	2.4 ³ (i)	10.4 ¹					
200°							
210°	5.1 ²	12.5 ¹					
220°	5.3 ²	6.1 ²	15.1 ²				
230°	1.2 ²						
240°	19.3 ²						
250°	7.5 ²	12.1 ¹	12.4 ¹				
260°	11.1 ¹						
270°	7.3 ²	12.2 ¹	12.3 ²	19.2 ²			
280°	8.1 ²	9.1 ³	10.3 ¹				
290°							
300°							
310°	19.1 ¹						
320°	13.4 ¹	16.1 ¹					
330°	1.3 ²	3.2 ²	3.3 ²	5.2 ³ (i)	7.4 ²	13.1 ³	13.2 ²
340°	3.1 ²	10.5 ¹	13.3 ³ (i)	13.5 ¹	16.2 ¹		
350°	17.1 ¹						
360°	2.3 ¹	2.6 ¹					

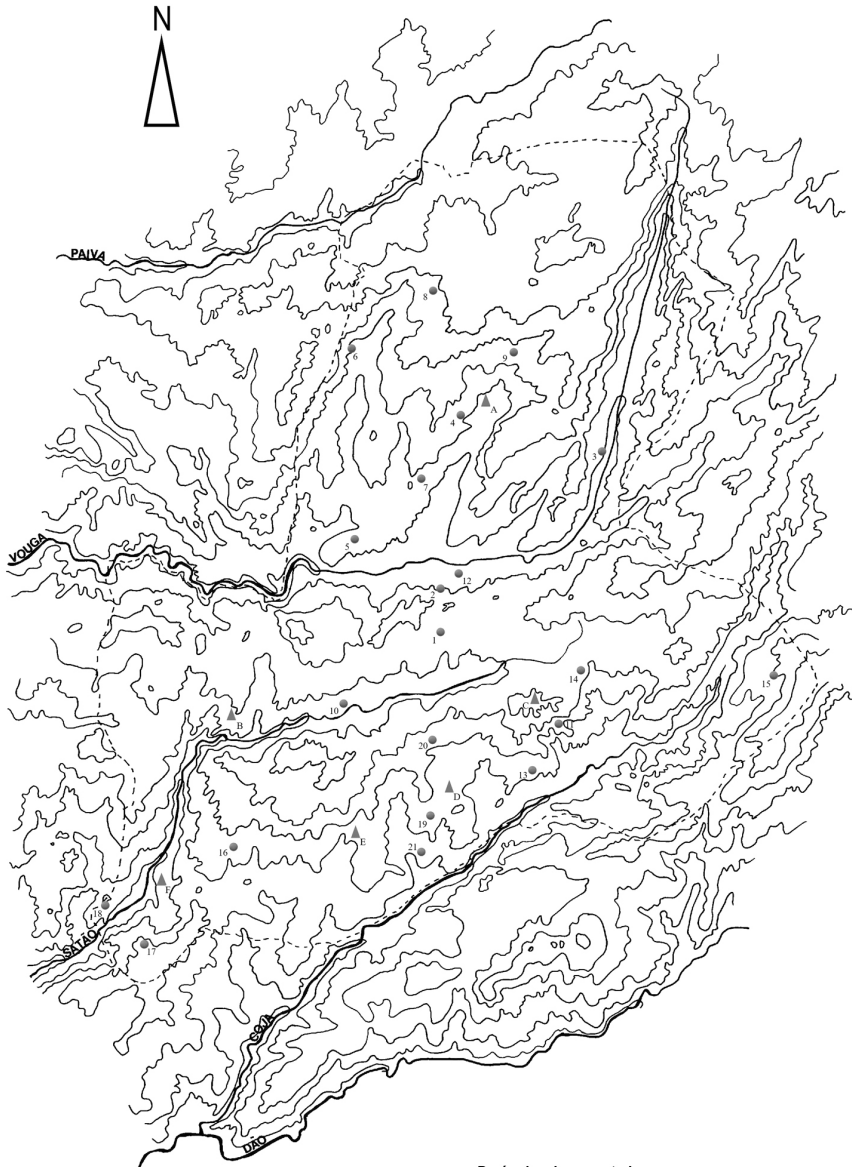
¹Antropomórfica²Não antropomórfica³Tipologia desconhecida

(i) Inacabada

Documentadas: 7.6, 7.7, 7.8, 8.2, 20.2, 20.3;

Documentadas como inacabadas: 8.3, 8.4, 8.5;

Tipologia desconhecida: 9.1, 13.1



0 4km
 Equidistância entre as curvas de nível 50 metros

----- limite do concelho de Sátão

Paróquias documentadas nas Inquirições afonsinas (1258):

- A - Stª Maria do Castelo
- B - Stª Maria da Vila (Sátão)
- C - Stª Maria de Gulfar
- D - S. Silvestre de Silvã de Cima
- E - S. Miguel de Rio de Moinhos
- F - S. Miguel de Vila Boa

Gravura nº 3

Isoladas ou formando necrópoles de muito pequena dimensão, as sepulturas rupestres do território satense constituem o mais importante vestígio de um povoamento altomedieval pré-paroquial que se caracterizou pela dispersão de pequenos habitats de tipo familiar por espaços preferencialmente de vale aberto, bem irrigados, e com boa exposição solar. A tal matriz de povoamento não é alheio o modelo de exploração agropecuária desenvolvido por essas populações.

A grande proximidade, ou mesmo sobreposição espacial, de algumas destas necrópoles rupestres a áreas onde se encontram vestígios de ocupação mais antiga, nomeadamente romana e/ou tardo-romana, como, por exemplo, em Vinha (nº 9), em Ourigos (nº 12) e na Quinta da Taboadela (nº 21), sugere ter existido um povoamento permanente cuja continuidade só poderá ser confirmada por estudos mais aprofundados.

Bibliografia

- ASUNCIÓN BIELSA, Maria - Necropolis Altomedievales en Aragon. In XIII CONGRESO NACIONAL DE ARQUEOLOGIA. Zaragoza, 1973 - [Atas]. Zaragoza: XIII Congreso Nacional de Arqueologia, 1975. p. 995-1002.
- _____ - Tipologia de las tumbas antropomorfas de la zona aragonesa al norte del Ebro. In XIV CONGRESO NACIONAL DE ARQUEOLOGIA. Vitoria, 1975. - [Atas]. Zaragoza: XIV Congreso Nacional de Arqueologia, 1977. p. 1235-1239.
- BARROCA, Mário Jorge - Notas sobre a ocupação medieval em Baião. *Arqueologia*. Porto. 10 (1984), p. 116-136.
- _____ - *Necrópoles e sepulturas medievais de Entre-Douro-e-Minho (séculos V a XV)*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 1987. Trabalho apresentado no âmbito das Provas Públicas de Aptidão Pedagógica e Capacidade Científica.
- _____ - Sepulturas escavadas na rocha de Entre Douro e Minho. *Portugalia*. Porto. Nova Série, 31-32 (2010-2011), p. 115-182.
- _____ - Sepultura escavada na rocha, *Dicionário de Arqueologia Portuguesa*. Porto: Figueirinhas, 2012. p. 312-314.
- _____ MORAIS, António Joaquim Cardoso - Sepulturas medievais na Terra de Aguiar da Pena (Vila Pouca de Aguiar). *Arqueologia*. Porto. 8 (1984), p. 92-102.
- BOLÓS i MASCLANS, Jordi; PAGÉS i PARETAS, Montserrat - Les sepultures escavadas a la roca. *Acta/Mediaevalia Annexos d'Arqueologia Medieval*. Barcelona. Annex 1 (1982), p. 59-104.
- CASTILLO, Alberto del - Cronologia de las tumbas llamadas "olerdolanas". In XI CONGRESO NACIONAL DE ARQUEOLOGIA. Merida, 1968. [Atas]. Zaragoza: XI Congreso Nacional de Arqueologia, Zaragoza, 1970. p. 835-845.
- _____ - *Excavaciones Altomedievales en las provincias de Soria, Logroño y Burgos*. Madrid: Comissaria General de Excavaciones Arqueologicas, 1972.
- FERNANDES, Paulo Manuel Quintas de Almeida - *Matéria das Astúrias – Ritmos e realizações da expansão asturiano-leonesa no atual centro de Portugal séculos VIII-X*. Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 2016. Tese de doutoramento em História da Arte.
- KLIEMANN, Katja - *Un aspecte de les necropolis medievales: les sepultures antropomorfes a Catalunya*. Tesis de Licenciatura. Barcelona, 1986.
- _____ - La orientación de las sepulturas medievales. In II CONGRESO DE ARQUEOLOGIA MEDIEVAL ESPANA, 1987 - [Atas]. Madrid: II Congreso de Arqueologia Medieval, 1987. Tomo III, p. 495-500.
- LIMA, António Manuel; VIEIRA, Marina Afonso - Povoamento e organização defensiva do território da área setentrional de Viseu (Séculos VI a XI). In CONGRESSO DO IMPÉRIO AO REINO. VISEU E O TERRITÓRIO ENTRE OS SÉCULOS IV A XII. Viseu, 2015. - [Atas]. Viseu: Do Império ao Reino. Viseu e o território entre os séculos IV a XII, 2018. p. 231-261.

- LOURENÇO, Sandra - *O povoamento alto-medieval entre os rios Dão e Alva*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia, 2007.
- LOYOLA PEREA, Esther - Necropolis Altomedievales en el Alto Ebro. In COLLOQUIO INTERNAZIONALE DI ARCHEOLOGIA MEDIEVALE, Palermo, 1974 -[Atlas]. Palermo: Colloquio Internazionale di Archeologia Medievale, 1976. p. 3-7.
- _____ ANDRIO GONZALO, Josefina - Informe sobre las excavaciones arqueológicas realizadas en el termino de Santa Maria de la Piscina (San Vicente de la Sonsierra, Logroño) durante las campañas de 1976, 1977 y 1978. *Berceo*. Logroño. 97 (1979), p. 121-126.
- MARQUES, Jorge Adolfo de Meneses - Sepulturas escavadas na rocha no concelho de Penalva do Castelo. *Castelo e Terras de Pena Alba: Vestígios histórico-artísticos*. Viseu: Associação Cultural Castro de Pena Alba, 1997, p. 31-45.
- _____ - *Sepulturas escavadas na rocha na região de Viseu*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Dissertação de Mestrado, 1995.
- _____ - Castelos da Reconquista na Região de Viseu. In 3º CONGRESSO DE ARQUEOLOGIA PENINSULAR. Vila Real, 1999. – [Atlas]. Porto: 3º Congresso de Arqueologia Peninsular, 2001. Vol. VII, p. 113-129.
- _____ - *Lafões, História e Património*. Viseu: Editora Edições Esgotadas, 2014.
- MARTÍN VISO, Iñaki - Tumbas y sociedades locales en el centro de la península en la alta edad media: el caso de la comarca de Riba Côa (Portugal). *Arqueologia y Territorio Medieval*. 14 (2007), p. 21-47.
- _____ - Enterramientos, memoria social y paisaje en la alta edad media: propuestas para un análisis de las tumbas escavadas en roca en el centro-oeste de la península ibérica. *Zephyrus*. Salamanca. 69 (2012), p. 165-187.
- MATTOSO, José - A História das Paróquias em Portugal. *Portugal Medieval novas interpretações*. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1985, p.37-56.
- OLLICH i CASTANYER, Imma - Tipologia de les tombes de la necropolis medieval de L'Esquerda (Osona). *Acta/Mediaevalia Annexos d'Arqueologia Medieval*. Barcelona. Annex 1 (1982), p. 105-153.
- PEDRO, Ivone - Sepulturas escavadas na rocha do Distrito de Viseu. *Livro do II Colóquio Arqueológico de Viseu*. Viseu: Associação de Defesa do património e Ambiente Amigos da Beira, 1990, p. 22-27.
- RODRIGUES, Ana Maria S. A. - Organização eclesiástica do espaço. In AZEVEDO, Carlos Moreira de, coord. - *História Religiosa de Portugal*. Rio de Mouro: Círculo de Leitores, 2000. p. 137-201
- _____ - A Formação da rede paroquial no Portugal medievo. *Estudos em homenagem ao Professor Doutor José Amadeu Coelho Dias*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2006, p. 71-83.

- TENTE, Catarina · Comunidades medievais cristãs do Alto Mondego: projecto de estudo das estratégias de ocupação do território. *Promontoria. Faro.* 5 (2007¹). p. 245-269.
- _____ · *A ocupação alto-medieval da encosta Noroeste da Serra da Estrela.* Lisboa: Instituto Português de Arqueologia, 2007².
- _____ · Tumbas rupestres en el Alto Mondego (Guarda, Portugal). Patrones de distribución, significados y construcción del paisaje rural altomedieval. *Munibe, Doñostia.* 66 (2015), p. 271-290.
- _____ LOURENÇO, Sandra · Sepulturas medievais escavadas na rocha dos concelhos de Carregal do Sal e Gouveia: estudo comparativo, *Revista Portuguesa de Arqueologia.* Lisboa, Vol.1 - 2 (1998), p. 191-217.
- _____ CARVALHO, António Faustino (2015) Sepulturas e necrópoles alto-medievais na investigação arqueológica portuguesa: metodologias, problemáticas e perspectivas. In IDENTIDAD Y ETNICIDAD EN HISPANIA: PROPUESTAS TEÓRICAS Y CULTURA MATERIAL EN LOS SIGLOS V-VIII, León e Vitoria-Gasteiz, 2013 – [Atas]. Bilbao: Identidad y etnicidad en Hispania: propuestas teóricas y cultura material en los siglos V-VIII, 2015. p. 125-144.
- _____ · Senhora do Barrocal (Sátão na viragem do milénio. Primeira abordagem. In CONGRESSO DO IMPÉRIO AO REINO. VISEU E O TERRITÓRIO ENTRE OS SÉCULOS IV A XII. Viseu, 2015. - [Atas]. Viseu: Do Império ao Reino. Viseu e o território entre os séculos IV a XII, 2018. p. 263-295.
- VASCONCELOS, José Leite de · Coisas Velhas. *O Archeologo Português.* Lisboa. XXIV (1920), p. 215-237.
- VAZ, João L. Inês · *Para uma Carta Arqueológica do Concelho do Sátão.* Viseu: Câmara Municipal de Sátão, 1991.
- _____ · *A Civitas de Viseu - Espaço e Sociedade.* Coimbra: Comissão de Coordenação da Região Centro, 1997.
- VIEIRA, Marina Lopes · *Alto Paiva. Povoamento nas épocas romana e alto-medieval.* Lisboa: Instituto Português de Arqueologia, 2004.
- YOUNG, B. K. · *Merovingian funeral rites and evolution of Crisithianity.* University of Pennsylvania, 1975.

